



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

HEIDER SACRAMENTO DE AFONSO

MEMORIAL DESCritivo
PODCAST TELA PRETA: O NOVO IMAGINÁRIO DA MULHER NEGRA
NOS VIDEOCLIPES DE MÚSICA POP

Salvador
2025

HEIDER SACRAMENTO DE AFONSO

PODCAST TELA PRETA:

O Novo Imaginário da Mulher Negra nos Videoclipes de Música Pop

Memorial descritivo final para a conclusão do curso de Jornalismo pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Tavares

Salvador
2025

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/ Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Sacramento, Heider Afonso.

Podcast Tela Preta: o novo imaginário da mulher negra nos videoclipes de música pop / Heider Sacramento de Afonso - 2024. 29 f.:il.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Tavares.

Trabalho de Conclusão de Curso (bacharelado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação - Salvador, 2024.

1. Jornalismo. 2. Podcast. 3. Videoclipe - Cultura Pop. 4. Televisão. 5. Plataformas Digitais. 6. Representações sociais. 7. Identidade feminina negra. 8. Negritudes. 9. Racismo. I Tavares, Maurício Nogueira. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Como canta Maria Bethânia em “Carta de Amor”, posso afirmar com certeza que “não mexe comigo, que eu não ando só”. Esta jornada, que foi árdua, longa, mas também cheia de conquistas, foi muito mais leve e gratificante graças ao apoio da minha base sólida, das pessoas que me sustentaram e acompanharam, sempre ao meu lado, tornando meu caminho mais fácil e meu sucesso possível.

Primeiramente, quero expressar minha profunda gratidão aos meus ancestrais, avós, pais, irmãos, tios, primos e primas. Cada um, à sua maneira, teve um papel fundamental na construção desta trajetória. Um agradecimento especial à minha querida irmã Yven Sacramento, pela paciência em me ouvir – seja para reclamar, chorar, sorrir ou simplesmente caminhar ao meu lado durante essa jornada.

Gostaria de dedicar um agradecimento especial à minha mãe, Agnailza Araujo Sacramento, mais conhecida como Day do Pastel, uma alcunha que, para mim, é motivo de enorme orgulho. A história dela, que vai de empregada doméstica aos 13 anos a uma mulher empreendedora, é uma verdadeira inspiração. Ela lutou todos os dias para que eu pudesse chegar até aqui. Aos meus dois pais, Vadinho e Gilmário, também deixo meu imenso agradecimento, pois sempre foram minha base e meu apoio, fundamentais para as minhas conquistas.

No processo de construção deste trabalho, não poderia deixar de citar a minha amiga e irmã de vida, Ivana Simões, cujos conselhos acadêmicos e orientações sobre as normas da ABNT foram essenciais para que eu seguisse o caminho certo, mas o meu amor por ela vai além disso. Preciso agradecer também ao meu orientador, o Professor Dr. Mauricio Tavares, que me fez enxergar beleza e potência na minha voz.

Aos meus amigos, que compartilharam comigo os tempos de aprendizado desde o Centro de Educação Paulo Freire, passando pela Escola Rafael Rios e o Colégio Estadual Necy Novaes, o meu muito obrigado. Cada momento de troca de conhecimento foi fundamental para o meu crescimento. Um agradecimento especial à Talilia Oliveira, que, com certeza, se lembrará das nossas idas e vindas para o colégio.

Não posso deixar de mencionar também os grandes amigos que fiz durante o ensino superior, com quem compartilhei tantas experiências e que tornaram minha caminhada pela Facom mais leve: Emilly Tiffany, Maria Gabriela Vidal, Janayna Moradillo e Marcos Felipe Soares. Em especial, Wendel de Novais, pelo incentivo e as inúmeras indicações para estágio. A amizade de vocês é algo que guardo com muito carinho no coração.

Por fim, agradeço aos meus queridos companheiros de estágio na Rádio Sociedade da Bahia, que foram essenciais para meu desenvolvimento como profissional de comunicação. Em especial, Gustavo Assis, Gabriel De Luca, Liz Fontes, Carlos Eduardo, Noel Tavares, Antônia Fernanda e a Gerente de Jornalismo, Silvana Oliveira. Com vocês, aprendi na prática o que é ser jornalista, e sou eternamente grato por todo o apoio e ensinamentos. A todos que, de alguma forma, contribuíram para minha caminhada, meu sincero e profundo agradecimento

RESUMO

O memorial a seguir busca detalhar as fases de produção necessárias para a elaboração do podcast Tela Preta: O Novo Imaginário da Mulher Negra nos Videoclipes de Música Pop, a ser submetido como parte da avaliação na disciplina COMB93 — Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo III, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. A pesquisa visa discutir como os videoclipes de música pop de cantoras negras contribuem para a construção do empoderamento feminino negro no contexto da sociedade contemporânea. A análise será baseada em entrevistas com especialistas em comunicação e cultura pop, além de personagens que ilustram a tese. Usando como referência teórico teorias reconhecidas que abarcam a estética negra, a construção da subjetividade negra, além de questões relacionadas à produção audiovisual no formato de videoclipe. Sendo assim, será possível explicitar a influência das produções na construção de um novo imaginário para a mulher negra.

Palavras-chave: Videoclipes; mulheres negras; cultura pop; música; empoderamento.

ABSTRACT

The following memorandum seeks to detail the production phases necessary for the creation of the podcast *Tela Preta: The New Imaginary of Black Women in Pop Music Videos*, to be submitted as part of the evaluation for the course COMB93 — Final Journalism Project III, at the School of Communication of the Federal University of Bahia. This research aims to discuss how pop music videos by Black female artists contribute to the construction of Black female empowerment within the context of contemporary society. The analysis will be based on interviews with experts in communication and pop culture, as well as individuals who exemplify the thesis. The theoretical framework will draw on recognized theories addressing Black aesthetics, the construction of Black subjectivity, and issues related to audiovisual production in the music video format. Thus, it will be possible to elucidate the influence of these productions on the construction of a new imaginary for Black women.

Keywords: Music videos; Black women; pop culture; music; empowerment.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 Justificativa	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 Construção Social da Identidade Negra: Tensões, Estereótipos e Resistências na Mídia e Cultura	11
2.2 A representatividade negra no audiovisual: videoclipes e empoderamento feminino	12
2.3 O novo imaginário da mulher negra nos videoclipes de música pop	13
3. PROCESSO DE PRODUÇÃO	15
3.1 Pesquisa	15
3.2 Roteiro	15
3.3 Gravação.....	16
3.4 Edição	17
4. ROTEIRO	18
4.1 Episódio 1: Vídeoclipe, raça e representação (Ohana Boy Oliveira).....	18
4.2 Episódio 2: Lunna, Elaine, Gabriela e as mulheres negras (Lunna Montty, Elaine Alves e Gabriela Santos).....	25
4.3 Episódio 3: Beyoncé, ancestralidade, videoclipes e referências (Val Benvindo)	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

Embora o videoclipe tenha se tornado uma presença constante no cenário midiático desde o início do século XX, foi na década de 1980 que ele conquistou relevância significativa, especialmente com o lançamento da MTV em 1981 nos Estados Unidos. Esse marco não apenas consolidou a produção e popularização do gênero, mas também transformou os videoclipes em um campo fértil de pesquisa, com foco em suas narrativas, conteúdos, formas e imagens. Como observa Holzbach (2016, p. 23), foi com a chegada da MTV que o termo "videoclipe" (ou "music video", em inglês) se estabeleceu como um elemento central no vocabulário midiático, marcando um novo capítulo na relação entre música e imagem.

O presente projeto tem como objetivo analisar os impactos dos videoclipes musicais de cantoras negras na construção de um novo imaginário para essa população, além de investigar o papel desse meio na promoção do empoderamento feminino negro. As narrativas e os gêneros diversificados presentes nesses produtos audiovisuais celebram a cultura negra, frequentemente marginalizada e subestimada, ao mesmo tempo em que revelam a complexidade e a ambiguidade dos conteúdos criados pelas próprias artistas.

A história do Brasil, marcada por séculos de escravidão e racismo, deixou um legado de discriminação que se reflete, por exemplo, na rejeição das características afrodescendentes, como os traços negroides e os cabelos crespos. A colonização portuguesa, iniciada em 1500, trouxe à força milhões de africanos escravizados para o país. Embora a abolição da escravatura tenha ocorrido em 1888, a plena igualdade entre as raças ainda continua sendo um objetivo distante. A população negra brasileira segue enfrentando desafios sociais, econômicos e políticos, reflexos desse legado histórico de opressão.

O combate ao racismo e a luta pela dignidade da população negra são processos contínuos e multifacetados. Além dos movimentos sociais e das organizações de base, produtos culturais, como os videoclipes, desempenham um papel fundamental na construção de um novo imaginário para essa população. Videoclipes como *Formation*, de Beyoncé, e *Dona de Mim*, de Iza, são exemplos de produções que promovem discursos de liberdade e empoderamento das mulheres negras. Este

estudo buscará analisar como essas narrativas visuais contribuem para a construção do empoderamento das mulheres negras, ao promover uma nova leitura sobre a negritude por meio de suas representações nos videoclipes.

A relevância desta pesquisa está na compreensão de como as novas linguagens audiovisuais impactam a sociedade contemporânea. Atualmente, o videoclipe se consolidou como uma poderosa ferramenta no cenário das mídias digitais, alcançando milhões de pessoas globalmente por meio de plataformas como YouTube e Spotify. Esse meio não só amplia as possibilidades de criação e comercialização, mas também potencializa debates sociais e culturais, tornando-se um agente importante no combate ao racismo.

A partir da análise e discussão desses elementos, o podcast *Tela Preta: O Novo Imaginário da Mulher Negra nos Videoclipes de Música Pop* se propõe a explorar a capacidade dos videoclipes de influenciar percepções culturais e promover mudanças sociais significativas. O objetivo é destacar a importância desses produtos audiovisuais na luta pela inclusão e pela representação justa da população negra, abordando como essa forma de expressão artística se torna uma ferramenta de resistência e afirmação de identidade para as mulheres negras na sociedade contemporânea.

1.1 Justificativa

Desde a infância, fui profundamente imerso na linguagem dos videoclipes, especialmente por meio dos programas da MTV, e, durante a adolescência, pelos canais de artistas no YouTube. Essa exposição constante não apenas despertou meu interesse pelo fenômeno dos videoclipes, mas também fez com que essa forma de expressão se integrasse de maneira significativa à minha formação pessoal, moldando minha percepção de mundo. Com o tempo, esse fascínio pelo meio se intensificou, motivando-me a explorar suas diversas dimensões e a compreender como ele pode refletir e influenciar narrativas culturais e sociais de maneira poderosa e transformadora.

Uma das principais motivações para a escolha deste tema de pesquisa surgiu a partir da leitura do livro *Olhares Negros: Raça e Representação*, de bell hooks, durante a disciplina de Estética da Comunicação (COM103), ministrada pela professora Regina

Gomes. Esta obra provocou uma reflexão profunda sobre a representatividade negra, especialmente no que diz respeito à forma como as novas gerações de meninas e meninos negros se percebem em espaços que, historicamente, foram inacessíveis ou desfavoráveis a eles. A análise crítica proposta por hooks ampliou minha compreensão sobre os desafios enfrentados pela população negra e me instigou a investigar de que maneira as representações midiáticas, em especial os videoclipes, podem contribuir para a construção de uma identidade negra mais autêntica e empoderada.

Ao analisar videoclipes de artistas como Beyoncé, Rihanna, Iza e Ludmilla, pude perceber como essas produções visuais apresentam uma representação inovadora e impactante das mulheres negras. Esses vídeos não apenas celebram a identidade negra, mas também desafiam as narrativas colonialistas que, por séculos, marginalizaram e estigmatizaram a população negra. A abordagem dessas artistas sobre temas como empoderamento, autoestima e identidade me levou a perceber os videoclipes como um meio eficaz de comunicação, capaz de propagar reflexões sobre questões sociais e culturais de enorme relevância.

Dentro do ambiente acadêmico, fui levado a questionar: O que é a representação da identidade negra na mídia? Essa indagação tornou-se a base da minha investigação, que busca entender como os videoclipes de cantoras negras contribuem para a construção de um novo imaginário sobre as mulheres negras. As narrativas visuais emergentes desses videoclipes têm o potencial de promover um movimento de recuperação da autoestima das mulheres negras, ressignificando a imagem da negritude e, futuramente, influenciando políticas públicas de reparação e reconhecimento.

Como estudante de comunicação negro, enfrentei a dificuldade de me visualizar em posições de destaque e poder, uma vez que a escassez de referências de profissionais negros nesse campo tornou esse processo ainda mais desafiador. A narrativa predominante sobre a população negra, quando abordada, é frequentemente construída a partir da perspectiva do colonizador, sem espaço para que os próprios negros reivindiquem e reinterpretarem sua história. Nesse contexto, as artistas negras têm demonstrado uma habilidade impressionante ao incorporar, em seus videoclipes, elementos de prosperidade, felicidade e riqueza, oferecendo uma visão renovada e

enriquecedora da negritude. Dessa forma, elas não apenas desafiam as limitações impostas por uma história distorcida e silenciada, mas também contribuem para a criação de uma nova narrativa que fortalece a autoestima negra e promove uma representação mais justa e plural dessa população.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Construção Social da Identidade Negra: Tensões, Estereótipos e Resistências na Mídia e Cultura

A construção social da identidade negra, como discutido por Stuart Hall em "Que 'negro' é esse na cultura negra?", é um processo dinâmico e multifacetado, que reflete a complexidade das interações culturais e sociais. Hall argumenta que a identidade negra não é uma essência única, mas sim uma construção que se reconfigura constantemente nas relações de poder e nas representações culturais. Ele aponta que a maneira como a cultura negra é retratada nos meios de comunicação e na sociedade está profundamente entrelaçada com as lutas históricas de poder, destacando que tais representações não são homogêneas, mas fragmentadas e sujeitas a múltiplas interpretações, podendo ser tanto opressivas quanto emancipadoras.

O legado da colonialidade, que persiste mesmo após o fim da colonização, influencia as representações da negritude. A colonialidade se manifesta nas esferas do saber, poder e ser, e, para combater o universalismo que caracteriza as representações da identidade negra, é essencial desafiar a ideia de uma "história única". Hall observa que a redução da negritude a estereótipos simplificados é um reflexo do racismo estrutural que ainda permeia as sociedades contemporâneas. Esse processo resulta em uma visão distorcida da população negra, muitas vezes associando-a a papéis subalternos e limitados, como o trabalho doméstico, conforme exemplificado por personagens como Tia Anastácia, do *Sítio do Picapau Amarelo*.

Além disso, as representações de mulheres negras nos meios de comunicação, particularmente nos videoclipes, frequentemente reforçam estereótipos de hipersexualização e objetificação. Essas imagens, que associam a mulher negra à sensualidade e à subordinação, continuam a perpetuar uma visão reducionista e distorcida, ignorando a diversidade de experiências e identidades dessa população.

Hall, ao discutir o papel das mídias na construção da identidade negra, propõe que a cultura negra deve ser vista como um campo de lutas e transformações. Ele argumenta que as representações da identidade negra não devem ser entendidas

como fixas, mas como negociações dinâmicas entre diferentes formas de ser negro e de se expressar culturalmente.

2.2 A Representatividade Negra no Audiovisual: Videoclipes e Empoderamento Feminino

Os videoclipes, especialmente os protagonizados por cantoras negras, desempenham um papel crucial na construção e afirmação da identidade negra na sociedade contemporânea. Conforme analisado por Holzbach (2016) em *A invenção do videoclipe: a história por trás da consolidação de um gênero audiovisual*, os videoclipes se consolidaram como um importante meio de expressão cultural, transformando a maneira como a música é consumida e compreendida. Para além da promoção musical, esses vídeos se tornaram plataformas poderosas para a expressão visual e narrativa, permitindo que artistas negras afirmem suas identidades e desafiem normas sociais estabelecidas.

A representação estereotipada da população negra, especialmente no contexto brasileiro, continua a ser perpetuada pela indústria cultural, reforçando preconceitos e distorcendo as realidades vividas por essa população. A mídia, como ressalta Muniz Sodré (1999), frequentemente atua como um veículo que legitima desigualdades sociais, incluindo o racismo estrutural. No entanto, ao utilizar o videoclipe como meio de expressão, as cantoras negras têm a capacidade de subverter esses estereótipos e promover uma reconexão com as raízes afrodescendentes.

A obra de bell hooks, *Olhares Negros: Raça e Representação*, 2019, é fundamental para compreender a importância de representações mais autênticas e diversificadas da negritude na mídia. hooks argumenta que a mudança na percepção dos negros e da mulher negra só será possível quando as representações midiáticas forem descolonizadas e as imagens forem criadas a partir da própria comunidade negra, sem a necessidade de validação externa.

Videoclipes como *Run The World (Girls)* de Beyoncé, que posiciona a artista como líder de um grupo de mulheres diversificadas em um cenário pós-apocalíptico, são exemplos de como as artistas negras desafiam normas e criam representações de empoderamento feminino. Com a ascensão das plataformas digitais, como YouTube e Spotify, as artistas também passaram a ter mais autonomia para divulgar

suas obras, escapando das limitações impostas pela mídia tradicional. Nesse contexto, os videoclipes se tornaram ferramentas poderosas para moldar percepções culturais e sociais, inspirando mulheres negras a celebrar e abraçar suas identidades.

O impacto dos videoclipes vai além da música. Eles se tornam veículos para a construção de novos imaginários sociais, promovendo um entendimento mais plural e inclusivo da mulher negra. Como observado por bell hooks, a produção de imagens protagonizadas por mulheres negras contribui para a subversão do patriarcado e da supremacia branca, ao mesmo tempo em que fortalece a afirmação de uma identidade negra autônoma.

2.3 O Novo Imaginário da Mulher Negra nos Videoclipes de Música Pop

No contexto da indústria cultural, a representação da mulher negra é permeada por desafios impostos pela intersecção do racismo e sexismo. As artistas negras enfrentam a difícil tarefa de navegar entre a hipersexualização e a busca pela liberdade de expressão sobre o uso de seus corpos. Essa tensão levanta questões cruciais sobre os limites da hipersexualização e a liberdade individual para expressar prazer e desejo, sem estar subordinada às expectativas alheias. Para muitas dessas artistas, especialmente no Brasil, essa expressão pode ser vista como uma forma de resistência ao cis-hetero-patriarcado.

Artistas como Liniker, Majur, Ludmilla, Iza, Beyoncé e Rihanna desempenham um papel significativo na criação de novos paradigmas de representação feminina. Embora existam diferenças culturais entre os Estados Unidos e o Brasil, as influências globais são evidentes na forma como as artistas brasileiras se inspiram e se posicionam dentro desse contexto. A trajetória de Beyoncé, por exemplo, tem uma grande influência sobre as jovens brasileiras que estão começando suas carreiras artísticas e veem nela uma fonte de inspiração e empoderamento.

O videoclipe, com sua capacidade única de unir música e imagem, vai além de ser apenas um meio de promoção. Ele provoca uma reflexão profunda sobre como as mulheres negras querem ser vistas e como podem romper com narrativas simplistas e redutoras. O objetivo dos videoclipes protagonizados por essas artistas é construir e disseminar um novo imaginário sobre a mulher negra, reconhecendo a diversidade de experiências e identidades dentro dessa população. Essas imagens não apenas

desafiam os estereótipos antigos, mas também contribuem para a construção de uma cultura mais inclusiva e representativa, em que todas as formas de ser mulher negra são respeitadas e valorizadas.

3. PROCESSO DE PRODUÇÃO

3.1 Pesquisa

A análise sobre as representações da mulher negra nos videoclipes se fundamenta principalmente na obra de bell hooks, *Olhares Negros: Raça e Representação*, que oferece um sólido embasamento teórico. No entanto, para aprofundar a discussão, foi necessário recorrer a outros referenciais, como o texto de Stuart Hall, *Que Negro é Esse?*, e as contribuições *A Mídia e a Construção do Imaginário Social*, de Muniz Sodré, além de *A Invenção do Videoclipe: A História por Trás da Consolidação de um Gênero Audiovisual*, de Ariane Diniz Holzbach.

Além disso, a pesquisa *Cabelos Sem Limites* do grupo Seda e o estudo sobre representação da Paramount Global forneceram dados relevantes que complementam a análise foram incorporados ao podcast. A pesquisa também conta com a contribuição de entrevistas com personagens-chave como Elaine Alves, Lunna Monty e Gabriela Santos, que compartilharam suas experiências pessoais sobre os impactos dessas produções em suas vidas. Complementando a abordagem, conversei com a professora de comunicação da Universidade Federal da Bahia, Ohana Boy, e a jornalista Val Benvindo, cujos olhares técnicos enriqueceram o trabalho.

3.2 Roteiro

Durante o processo de desenvolvimento, foram definidos o número de episódios, a duração média de cada um e a estrutura narrativa. Inicialmente concebido como um videocast, o projeto foi reformulado em um podcast devido à escassez de equipamentos e à disponibilidade das fontes. Assim, ficou estabelecido que seriam três episódios, com cerca de 23 minutos cada, inspirados em formatos consagrados como *O Assunto* e *Café da Manhã*. A proposta adotou o conceito de grande reportagem em áudio, utilizando intervenções sonoras para ilustrar e construir uma narrativa mais envolvente e clara para os ouvintes.

Episódio 1: Videoclipe, Raça e Representação

O episódio inaugural explora como os videoclipes de artistas contemporâneas estão ressignificando a representação da mulher negra na cultura pop. Com a

participação da professora Ohana Boy Oliveira, são analisadas as transformações das representações estereotipadas para narrativas mais diversas e empoderadoras, exemplificadas por Beyoncé, Ludmilla e Iza. A conversa aborda o impacto dessas imagens na autoestima e na identidade das mulheres negras, destacando o papel da indústria cultural na desconstrução de estigmas e na criação de novos imaginários.

Episódio 2: Estereótipos e Representação no Pop

Este episódio discute o impacto das representações midiáticas na autoestima das mulheres negras, com entrevistas de Lunna Montty (DJ e modelo), Elaine Alves e Gabriela Santos (estudantes). Elas compartilham suas vivências sobre como a mídia moldou suas percepções de beleza e identidade. Artistas como Beyoncé, Rihanna, Iza e Ludmilla são analisadas por desafiarem a hipersexualização e os estereótipos do passado, criando narrativas mais autênticas e inclusivas. Representações de mulheres negras trans, como Liniker e Majur, também são destacadas, enfatizando a importância da diversidade na cultura pop.

Episódio 3: Ancestralidade e Identidade Negra nos Videoclipes

O episódio final reflete sobre como ancestralidade e cultura moldam a representação da mulher negra, com foco na trajetória de Beyoncé e Iza. Val Benvindo, defensora da diversidade audiovisual, contribui na análise da evolução da videografia das artistas, destacando obras como *Crazy in Love* (2003), *Formation* (2016) e *My Power* (2019), que afirmam a negritude e celebram raízes africanas. O episódio também menciona artistas brasileiras, como Iza e Luedji Luna, que contribuem para o novo imaginário afro-brasileiro. Val compartilha ainda sua experiência com o Ilê Aiyê, destacando a valorização cultural e social da mulher negra. Encerrando com a celebração de manifestações culturais, como a Noite da Beleza Negra, o episódio reforça como a mulher negra ocupa seu protagonismo, inspirando transformações na sociedade.

3.3 Gravação

Todas as entrevistas foram realizadas pelo aplicativo de videoconferência Google Meet. Já a narração foi gravada em casa, utilizando equipamentos cedidos pela Faculdade de Comunicação.

Para tornar os temas abordados mais leves e acessíveis, optei por um tom levemente informal, próximo ao de uma conversa. As explicações foram enriquecidas com conceitos, informações relevantes e inserções estratégicas de falas dos entrevistados, além de trechos de áudio de personalidades mencionadas, criando uma narrativa dinâmica e envolvente.

3.4 Edição

O podcast, composto por três episódios, foi editado utilizando o aplicativo Audacity. Para enriquecer a experiência do ouvinte e torná-la mais envolvente, o projeto incluiu música e áudios complementares obtidos no YouTube e TikTok integrados cuidadosamente ao produto final.

4. ROTEIRO

4.1 Episódio 1: Videoclipe, raça e representação (Ohana Boy Oliveira)

Música, quadrinhos, cinema, TV e, claro, videoclipes. Somos diariamente bombardeados por imagens, discursos e sons. Mas o que essas mensagens realmente revelam sobre a representação da mulher negra na cultura pop? Eu sou Heider Sacramento, estudante de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, e este é o *Tela Preta*, um podcast dedicado a explorar o novo imaginário da mulher negra nos videoclipes de música pop. Vem comigo nessa jornada para entender, questionar e celebrar esse universo. Bora começar?

VINHETA DE ABERTURA (instrumental “Irmãs de Pau”)

Dos Beatles ao Queen, passando por Michael Jackson, Madonna, a era de ouro da MTV e a ascensão do YouTube, a trajetória dos videoclipes reflete uma constante reinvenção de narrativas que dialogam com o espírito de suas épocas.

Por décadas, porém, o protagonismo negro foi negligenciado, e a representação dessa população na tela oscilou entre a reafirmação de estereótipos e tentativas de subversão. Hoje, artistas como Beyoncé, Ludmilla, Iza, Rihanna, Liniker, Melly e tantas outras estão reescrevendo essa história, ressignificando o que significa ser mulher negra na cultura pop e moldando um novo imaginário que desafia o passado e aponta para o futuro.

TRECHO DE “RUN THE WORLD (GIRLS)” DA BEYONCÉ

Hoje, conversamos sobre a representação da mulher negra nos videoclipes com a professora Ohana Boy Oliveira, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Nesta discussão, exploramos como essas produções audiovisuais têm influenciado a percepção da sociedade sobre as mulheres negras e os reflexos dessa construção na autoestima e na identidade dessa parcela da população.

OHANA: “*Meu nome é Ohana Boy Oliveira, sou professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Sou uma mulher negra de pele clara,*

tenho 1,78, e enfim, to feliz de estar aqui para a gente conversar porque é uma temática eu tenho uma certa aderência a esse tema”

No início da minha investigação sobre essa representação, questionei a professora Ohana sobre quem são as mulheres negras retratadas nas produções audiovisuais e de que forma suas complexidades são exploradas — ou ignoradas. Juntos, refletimos sobre como narrativas simplistas e estereótipos massificados, frequentemente moldados pela perspectiva do colonizador, influenciam a forma como essas mulheres são vistas pela sociedade.

OHANA: “Não tem como começar a falar, tentando minimamente responder, sem considerar o contexto brasileiro, que a gente vive. Um contexto de muito racismo, sexism, desigualdade, esse contexto molda nossa percepção, inclusive sobre as representações no país fundado na violência, na escravização de pessoas negras, na dizimação dos povos originários, então todo esse processo de colonização, vivido historicamente ainda traz a estrutura, a nossa forma de ver e pensar o mundo e vivenciar, e a cultura pop não está afastada disso”

Ohana ressalta que, embora a colonização tenha chegado ao fim oficialmente, seu legado permanece vivo por meio da colonialidade, que se manifesta nas esferas do saber, do poder e do ser — conceitos amplamente debatidos por diversos teóricos. Ela enfatiza, ainda, a urgência de romper com as representações únicas e reducionistas da mulher negra, promovendo narrativas que refletem sua pluralidade e complexidade.

OHANA: “Acho que o primeiro passo é combater essa história única, como Chimamanda Adichie traz pra gente também. Não há como seguir uma história única porque você tira todas essas camadas de complexidade, e diversidade que existem e com a negritude acontece muito e é mais fácil de acontecer pelo contexto de racismo que a gente vive. Então muitas vezes as representações seguem os estereótipos”

LÉLIA GONZALEZ: “Para a mulher negra, o lugar que lhe é reservado é sempre o menor, o da marginalização, o do salário reduzido e o do desrespeito à sua capacidade profissional”

Essa é Lélia Gonzalez — escritora, filósofa e uma das pioneiras do feminismo negro no Brasil. Em sua obra *O Racismo e o Sexismo na Cultura Brasileira*, Lélia explora os estereótipos que frequentemente recaem sobre as mulheres negras. Entre os mais marcantes, ela destaca a figura da mulher negra hipersexualizada, como a representação da *Globeleza*, e a da "mãe preta", retratada apenas como cuidadora, responsável pela criação e suporte emocional. Essas narrativas não apenas limitam, mas também desumanizam as mulheres negras, reforçando papéis estigmatizados.

TRECHO DO JINGLE 'GLOBELEZA'

TRECHO DA CENA DA TIA ANASTÁCIA DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

Personagens como Tia Anastácia, de *Sítio do Picapau Amarelo*, reforçaram uma visão limitada das mulheres negras, frequentemente associadas ao trabalho doméstico e ao papel de "mãe preta". Nos videoclipes, o foco em corpos magros, roupas curtas e temas hipersexualizados consolidou estereótipos como o da "Globeleza" ou da "mulher gostosa", reduzindo a negritude feminina a narrativas objetificadas.

Stuart Hall, em *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*, argumenta que a identidade negra deve ser vista como plural e dinâmica, rejeitando essências únicas. Ele ressalta como a cultura negra foi marginalizada e estereotipada, mas também celebra os movimentos culturais que resistem a essas imposições, criando novas formas de representação e significado para a negritude.

TRECHO DE "FORMATION" DA BEYONCÉ

Com críticas aos estereótipos que perpetuam uma representação única da mulher negra, a professora Ohana Boy destaca a relevância de uma representação mais diversificada. Ela contextualiza essas representações, ressaltando a necessidade de refletir a complexidade e a pluralidade das experiências dessas mulheres.

OHANA: "Todas essas imagens estão inseridas em um contexto de indústria cultural. Não precisamos ser tão apocalípticos quanto Adorno e Horkheimer, da Escola de Frankfurt, a ponto de simplesmente excluir esse tipo de representação ou colocar tudo na mesma categoria. Essas imagens são importantes no sentido racial que

estamos discutindo. Historicamente, se temos uma representação marcada pela dor, pelo sofrimento, pela hipersexualização e pela objetificação — aspectos presentes em vários momentos da história —, a luta por superação possibilitou a criação de imagens positivas. Imagens que contrastam com aquelas veiculadas nos noticiários, frequentemente associadas a crimes, feminicídios e casos de violência contra a mulher.

Considerando o contexto brasileiro, é fundamental lembrar que essas imagens também fazem parte da indústria cultural, como você destacou. Isso inclui mulheres do cotidiano que, enquanto artistas, possuem um poder aquisitivo, uma imagem a zelar e exercem seu trabalho com base nessa imagem. Esse é um ponto que precisamos levar em conta.

Ao mesmo tempo, essas imagens possibilitam a criação de outros imaginários — tema central da nossa discussão —, promovendo, por meio da cultura e da comunicação, novos significados sobre o que é ser mulher. Esses imaginários contrapõem estereótipos que reduzem as mulheres a funções de subserviência, como aquelas historicamente atribuídas às mulheres negras no período de escravização. Ainda hoje, essas representações permanecem atreladas a determinadas ocupações, como a de empregada doméstica.

Essa questão do trabalho doméstico é sempre uma discussão complexa. Não estamos desvalorizando sua importância, mas, no Brasil, ele é historicamente desvalorizado porque está profundamente ligado ao contexto da escravização das pessoas”.

Em 2016, Beyoncé rompeu com a imagem tradicional da diva pop ao lançar *Lemonade*, incorporando a ancestralidade negra à sua obra. A capa do álbum, com suas tranças nagô, já indicava a celebração de suas raízes africanas. Com *Formation*, a primeira música do projeto, Beyoncé denunciou a violência policial contra negros nos EUA e exaltou a estética negra, destacando as tranças e outros símbolos culturais. Em sua performance no Super Bowl, vestida com roupas inspiradas nos Panteras Negras, ela reforçou sua nova fase, mais politizada e profundamente conectada com sua identidade negra.

Essa virada na carreira e reafirmação da identidade de Beyoncé foi tema de uma esquete no *Saturday Night Live* (SNL), intitulada "Beyoncé se tornou negra", que ironizava o choque de muitos norte-americanos diante do conteúdo audacioso da cantora naquele ano. A performance, marcadamente diferente de tudo o que ela havia feito antes, gerou reações polarizadas e deu início a um boicote à sua imagem.

TRECHO DE “THE DAY BEYONCÉ TURNED BLACK - SNL”

Boicotes são frequentes na trajetória de artistas negras, que, mesmo alcançando grandes conquistas, continuam a enfrentar desafios em uma sociedade racista. Ludmilla, por exemplo, fez história em 2019 ao se tornar a primeira artista negra a ganhar o prêmio de "Cantora do Ano" no Prêmio Multishow. No entanto, naquela mesma noite de celebração, ela foi vítima de um episódio de racismo.

SONORA VAIAS LUDMILLA NO PRÊMIO MULTISHOW

OHANA: “Dentro da indústria cultural, essa disputa é muito intensa, e essas mulheres também a enfrentam, pois essa indústria está permeada por racismo e sexism. Assim, elas lidam com esses desafios, especialmente por serem mulheres. O trabalho delas, mesmo inserido no debate sobre empoderamento do corpo feminino e hipersexualização, levanta questionamentos: até que ponto é hipersexualização? Até que ponto é a própria mulher exercendo sua liberdade para falar sobre o uso do próprio corpo, refletindo sobre o seu prazer e desejo, sem a necessidade de atender aos desejos de terceiros? No caso brasileiro, é uma forma de confrontar o cis-heteropatriarcado.

De alguma maneira, isso já desestabiliza os padrões de pensamento que temos. Essas artistas mencionadas — Ludmilla, Iza, Beyoncé e Rihanna —, inseridas nesse contexto de indústria cultural, operam em um ambiente que, embora tenha diferenças entre Estados Unidos e Brasil, também apresenta semelhanças. Elas exercem uma influência enorme. Mesmo considerando as referências estadunidenses e o imperialismo que tanto impacta nossa cultura, essas inspirações também influenciam artistas brasileiras, como Ludmilla e Iza. Se pensarmos no que Beyoncé, com mais de 40 anos, representa, percebemos que ela inspira jovens brasileiras de vinte e poucos anos que estão construindo suas carreiras nesse mesmo espaço, tendo artistas como ela como referência.

O videoclipe, intimamente ligado à imagem, vai além da música que ouvimos. As mensagens presentes na música, aliadas às imagens, provocam um impacto significativo. Elas influenciam como queremos nos ver, como desejamos ser vistas e de que forma podemos romper com a "história única". O objetivo é mostrar que mulheres negras possuem uma diversidade infinita de formas de ser. Todas essas formas precisam ser respeitadas".

No Brasil, artistas como Iza, Ludmilla, Liniker, Melly, Luedji Luna e outras cantoras negras estão transformando a representação da negritude feminina em seus videoclipes, criando uma nova narrativa. Em entrevista a um podcast, Iza falou sobre o impacto de ser uma referência para meninas mais jovens, destacando a importância de sua imagem na formação de novas gerações.

SONORA IZA “QUEM PODE POD?”

Em minha conversa com a professora Ohana, perguntei como a estética e a narrativa de videoclipes com temáticas de empoderamento podem influenciar a percepção pública sobre o papel da mulher negra. Para ela, a questão é ambígua, pois essas narrativas são construídas dentro de um contexto capitalista, muitas vezes financiado por empresas que se beneficiam do racismo e utilizam pautas sociais com o intuito de lucrar.

Embora se possa questionar essas discussões, dado que surgem de um contexto em que o capitalismo filtra as narrativas, é inegável que a "favela brasileira" tem ganhado visibilidade nas telas. Por meio dos mecanismos da indústria, uma mulher negra, bissexual e favelada, como Ludmilla, hoje consegue destacar as rainhas da favela e celebrar a diversidade da imagem da mulher negra e brasileira.

OHANA: “Um dos exemplos que podemos destacar, dentro do que estamos discutindo, é o clipe Rainha da Favela, de Ludmilla. Ele apresenta um jogo interessante, uma espécie de brincadeira com referências dos Estados Unidos, demonstrando como essas artistas, como você mencionou, são influenciadas pela indústria cultural norte-americana, mas também incorporam elementos da cultura brasileira. No caso específico desse clipe, a cena do caminhão tombado na estrada, com refrigerantes espalhados, é bastante significativa. Pelas embalagens e pela forma como a cena é representada, associamos a ideia a refrigerantes mais populares e

acessíveis, o que contrasta com a ostentação norte-americana, como as imagens de pessoas tomando banho de champanhe em taças gigantes, algo que vemos, por exemplo, em videoclipes da Beyoncé.

Nesse sentido, Ludmilla promove uma “brasileirização” de elementos. Embora o banho com alguma bebida carregue uma sensualidade implícita, o uso do refrigerante, que remete ao cotidiano do povo, traz uma ressignificação. É algo presente em churrascos e momentos de comunhão familiar. Outro momento relevante do clipe é a homenagem que Ludmilla faz às mulheres do funk, sejam elas artistas que a antecederam ou que são suas contemporâneas. A cena da mesa servida com petiscos populares, em vez de canapés sofisticados, reforça a conexão com a realidade da comunidade retratada. Os palitinhos e os alimentos simples evocam uma apropriação bem-humorada da cultura brasileira e criam uma contraposição ao que é mais hegemônico nos Estados Unidos.

A própria cadeira em que Ludmilla está sentada, feita de garrafas PET, é outro elemento interessante, pois dialoga com a ideia de criatividade e reaproveitamento, enquanto reforça a estética popular do clipe. Esses detalhes evidenciam o trabalho de uma equipe criativa que vai além do artista ou do diretor. O videoclipe, enquanto produto de produção cultural, envolve uma equipe diversa: direção artística, cenografia, figurino, maquiagem, entre outros. Cada integrante contribui para a construção da imagem que será transmitida ao público.

Por isso, é essencial refletir sobre a representatividade nas equipes de produção. Quanto mais pessoas negras ocuparem esses espaços, maior será a diversidade tanto na frente quanto atrás das câmeras, atuando como diretoras, produtoras e roteiristas. Esse é um debate contemporâneo extremamente importante, que reflete diretamente nos produtos culturais.

Além disso, os videoclipes, por serem mais curtos e terem ampla circulação na internet e nas redes sociais, alcançam grande aderência junto ao público, o que se reflete no número expressivo de visualizações. Muitos desses clipes continuam acumulando milhões de acessos, evidenciando sua relevância na cultura pop contemporânea”.

Para o futuro das representações na tela preta, Ohana destaca as novas imagens criadas por cantoras como Luedji Luna e Liniker. A cena dos videoclipes contemporâneos continua poderosa, e em Salvador, Melly se posiciona como um farol para novas representações, ao lado de muitas outras artistas.

Foi a partir da minha inquietação com a obra *Olhares Negros: Raça e Representação*, de bell hooks, que decidi aprofundar a discussão proposta pela autora. Ela, questiona as representações estereotipadas da negritude na mídia e na cultura popular, apontando como essas imagens reforçam o racismo e a opressão. hooks defende uma representação mais autêntica e diversificada, em que as pessoas negras tenham o controle sobre suas próprias imagens e narrativas, desafiando os estereótipos e promovendo uma visão libertadora da identidade negra.

No próximo episódio, vamos conversar com três mulheres que foram impactadas por essas representações e discutir o efeito delas em suas vidas.

Este episódio contou com áudios da TV Globo, Multishow, TikTok, *Quem Pode, Pod?* e YouTube.

Até a próxima!

4.2 Episódio 2: Lunna, Elaine, Gabriela e as mulheres negras (Lunna Montty, Elaine Alves e Gabriela Santos)

A cultura pop dita o ritmo de uma audiência cada vez mais globalizada. Conectadas às telas, jovens negras se veem (ou não) representadas nas produções audiovisuais que surgem ao longo dos anos, trazendo novas perspectivas para suas realidades. Mas qual é o impacto dessas representações? Esse é o tema do segundo episódio de *Tela Preta*, o podcast que explora o novo imaginário da mulher negra nos videoclipes de música pop. Eu sou Heider Sacramento, estudante de Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, e hoje vamos conversar com a DJ, modelo, coreógrafa e mãe da House of Montenegro, Lunna Montty, e com as estudantes Elaine Alves e Gabriela Santos.

VINHETA DE ABERTURA (instrumental “Irmãs de Pau”)

Representar a mulher negra na tela vai além de simplesmente estar presente; torná-la verdadeiramente mais negra é um desafio. Embora o protagonismo de artistas negras em narrativas audiovisuais da música pop tenha crescido, a simples presença não gera o impacto necessário para quem consome esse conteúdo. Celebrar os negros na tela é mais do que ocupar um espaço, é sobre como essa representação é feita.

Ao sair do lugar de subalternidade, o protagonismo muitas vezes acaba reforçando estereótipos, em vez de combatê-los. Artistas como Beyoncé e Rihanna, inicialmente, contribuíram para essa estereotipação, até ajustarem seus discursos. Embora tenham inspirado muitas meninas negras no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, essa representação estereotipada gerou impactos negativos para aquelas que viveram a infância naquela época.

ELAINE: “Uma coisa que era muito da época era uma demarcação bem específica, falando especificamente dos clipes de mulheres negras. Tinha muito a questão da dança, da performance, e a gente gostava bastante disso.”

A estudante Elaine Alves destaca que, embora gostasse das coreografias e da música, as imagens transmitidas pelas artistas da época impunham padrões estéticos que influenciaram negativamente sua percepção de si mesma.

ELAINE: “Esteticamente falando sobre os corpos daquelas mulheres, elas tinham corpos magros e cabelos lisos, no caso alisados. E isso demarcava bastante para mim, porque minhas primas já tinham os cabelos alisados, então elas jogavam os cabelos delas, só que eu não tinha esse cabelo. Meu cabelo era natural e eu tenho cabelo crespo 4B. Então eu não tinha como jogar e bater o cabelo como elas faziam, então era aquela coisa de pegar uma toalha, pegar uma blusa e amarrar na cabeça para eu poder bater cabelo com as minhas primas.”

O cabelo, como aponta Elaine, é um elemento central na autoestima de muitas mulheres. Nos videoclipes da época, a predominância de cabelos longos e lisos reforçava o estereótipo de que cabelos crespos eram inferiores, enquanto os padrões de beleza estabeleciam uma norma: cabelo liso, loiro e esvoaçante.

TRECHO DE “CRAZY IN LOVE” DA BEYONCÉ

Um estudo realizado pelo Instituto Sumaúma e a Agência RPretas, em parceria com a marca Seda, apresentado no relatório “Cabelos Sem Limites, Como Nós”, divulgado em julho de 2024, mostrou que 70% das mulheres negras, entre pretas e pardas, se sentem pressionadas socialmente a alisar seus cabelos. No entanto, o levantamento também revelou que 53% das 1.001 mulheres entrevistadas afirmaram usar o cabelo natural, um número que cresceu nos últimos anos, impulsionado pelo movimento negro e pelo isolamento social durante a pandemia de Covid-19.

SONORA MC SOFIA

Essa é Sofia Gomes, a MC Soffia, rapper, cantora e compositora de 20 anos, que através de seus clipes e músicas leva para a tela um novo imaginário da negritude feminina. Seu cabelo natural e as tranças, símbolos de resistência e identidade, são protagonistas na estética de suas produções.

TRECHO DE “MENINA PRETINHA” DA MC SOFIA

Soffia faz parte dos 56% da população brasileira que se identifica como preta ou parda. De acordo com o censo de 2022 do IBGE, 52% dessa população é composta por mulheres. Essas cantoras, como Beyoncé, Rihanna, Iza e Ludmilla, de certa forma, reproduzem os estereótipos predominantes, mas ao alcançar relevância e projeção, ajustaram seu discurso e suas produções para combater essa visão única imposta às mulheres negras. Elas abriram caminho para a construção de uma nova narrativa, onde a mulher negra é dona de sua própria história e imagem.

Para uma artista como Lunna Montty, DJ, coreógrafa e modelo, a inspiração é fundamental para seu trabalho, mas para além da referência artística, a inspiração na vida também é imensa.

SONORA LUNNA MONTTY

Lunna ressalta a importância de preservar essa representatividade principalmente de corpos de mulheres negras transsexuais. Hoje, cantoras como Majur e Liniker se destacam como figuras pop que levam para as telas a pluralidade negra. Falando sobre sua vida amorosa e afetiva, tristezas mostrando a complexidade do que é ser uma mulher negra. Como artistas e transexuais, o marcador apresentado

por elas combate a narrativa única da transgeneridade ligada apenas à violência, tristeza e mazelas.

TRECHO DE “TUDO OU NADA” DA MAJUR

Em "Tudo ou Nada", faixa do álbum *[nome do álbum]*, a cantora baiana Majur explora sua trajetória como mulher trans e negra, celebrando suas conquistas pessoais e artísticas. A representa histórias inspiradoras como da modelo Lunna Monty. Majur, que foi capa da *Vogue Noivas* ao se casar em *[mês/ano]* em uma cerimônia especial repleta de convidados ilustres, conecta sua arte às vivências de outras mulheres trans. Já Lunna foi fotografada pelo renomado Mario Testino e teve seu talento reconhecido por ninguém menos que Beyoncé, durante a festa de lançamento do filme *Renaissance*, realizada em Salvador, no Centro de Convenções da Boca do Rio.

Eu estava lá e presenciei, ao vivo, a vitória histórica de uma mulher negra trans, que não apenas venceu, mas quebrou barreiras e abriu portas para tantas outras.

SONORA BEYONCÉ ANUNCIADO LUNNA MONTTY NO EVENTO DE RENAISSANCE

TRECHO DE “CAJU” DA LINIKER

O ano de 2024 marcou o auge da carreira de Liniker, consolidando-a como uma das maiores artistas de sua geração. Com o álbum *Caju*, a cantora conquistou os prêmios de "Cantora do Ano", "Melhor MPB" e "Álbum do Ano" no Prêmio Multishow, ocupando um espaço historicamente inacessível para mulheres negras e trans. Sua força, talento e representatividade não apenas desafiaram preconceitos, mas também abriram caminho para reflexões profundas sobre a visão da sociedade em relação às mulheres negras, pavimentando novas narrativas e oportunidades para futuras gerações.

Liniker se une a Ludmilla e Iza como as únicas cantoras negras a conquistarem o prêmio de "Cantora do Ano", a categoria mais importante do Prêmio Multishow desde sua criação, em 1994. Em 30 anos de história, apenas três mulheres negras alcançaram esse reconhecimento.

SONORA LINIKER PRÊMIO MULTISHOW

Uma cena como essa seria impensável há 10 anos. A potência dessa representação contrasta com a realidade ainda difícil, mas em modificação. Uma constatação? A tela no Brasil ainda não é preta.

A televisão foi, por muito tempo, o principal meio de difusão de imagens para a população brasileira. Em termos de representação, as novelas ainda são uma forma de o Brasil se enxergar na tela, mas essa representação nem sempre reflete a realidade.

Um levantamento realizado em 2022 pela Paramount Global revelou que, no Brasil, 23% das pessoas negras se sentem retratadas como criminosas e 24% como perigosas. O estudo, que envolveu 15 países, incluindo o Brasil, apontou que 9 em cada 10 pessoas globalmente concordam que a representatividade na televisão e no cinema tem um impacto significativo, influenciando a percepção sobre determinados grupos ou indivíduos.

A pesquisa também mostrou que 52% dos participantes se sentem mal representados, apontando a falta de precisão na forma como seus grupos são retratados no audiovisual.

Estar nas telas de forma complexa e diversa tem um impacto profundo na vida de milhões de meninas negras por todo o Brasil. Em 2024, pela primeira vez desde sua fundação em 1964, a TV Globo apresenta três atrizes negras como protagonistas das principais novelas da emissora, em três horários distintos: Duda Reis, em *Garota do Momento*, Jéssica Ellen, em *Volta por Cima* e Gabz em *Mania de Você*. Um marco histórico!

Gabriela Santos, estudante de Comunicação, que por muito tempo se questionou até onde poderia chegar devido à escassez de referências de mulheres negras na mídia, reflete sobre o impacto da representação no audiovisual e nos videoclipes.

SONORA GABRIELA SANTOS

Já Elaine destaca que, embora as primeiras representações de mulheres negras em videoclipes, como a de Beyoncé, tenham se valido da hipersexualização e de estereótipos impostos pela branquitude para alcançar reconhecimento, atualmente essas cantoras conseguem reverter esse processo, trazendo para as telas uma nova perspectiva sobre a negritude.

SONORA ELAINE ALVES

Cursando Jornalismo na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Gabriela compartilha a experiência de realizar um sonho que, por muito tempo, parecia distante devido à falta de referências na mídia que a fizessem acreditar ser possível ocupar esse espaço.

SONORA GABRIELA SANTOS

Conversar com Lunna, Elaine e Gabriela me mostrou o quanto a representatividade de mulheres negras em videoclipes da música pop tem um impacto profundo na construção de novas narrativas sobre identidade, autoestima e poder. Ao ocupar espaços de destaque e protagonismo, as artistas quebram estereótipos, afirmindo a beleza e a força da mulher negra de maneira positiva e empoderada.

Esses videoclipes não só visibilizam as histórias e as culturas afro-brasileiras e afro-americanas, mas também transformam a percepção global sobre a estética e os corpos negros, contribuindo para a construção de um imaginário mais inclusivo e plural. Em um contexto de desigualdade racial, essa representação é essencial para inspirar novas gerações de mulheres negras a se verem como protagonistas em suas próprias histórias, reforçando a importância da diversidade na mídia e na cultura popular.

No próximo episódio a gente fala sobre ancestralidade e futuro com a Jornalista, Val Benvindo...

Esse episódio usou áudios do Youtube e do TikTok

Até a próxima...

4.3 Episódio 3: Beyoncé, ancestralidade, videoclipes e referências (Val Benvindo)

Estar na tela e torná-la preta não é uma tarefa simples. A produção, a direção, o figurino... são inúmeras as etapas de criação de uma obra audiovisual. Tudo começa com as referências. E para falar sobre esse processo criativo, um nome me veio à mente quando pensei sobre Tela Preta e Novo Imaginário. Formada em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia, apresentadora, jornalista, produtora, empreendedora e minha referência profissional, Val Benvindo é a convidada deste episódio. Hoje, converso com ela sobre a importância de equipes de produção cada vez mais diversas e a trajetória de Beyoncé ao criar um novo imaginário sobre a identidade negra feminina.

VINHETA DE ABERTURA (instrumental “Irmãs de Pau”)

O primeiro passo é nomear e atribuir significado: **REFERÊNCIA** – algo ou alguém que serve como modelo ou inspiração em um determinado campo de conhecimento e atuação; **ANCESTRALIDADE** – o reconhecimento das raízes culturais e históricas de um povo ou grupo; **NOVO IMAGINÁRIO** – uma sociedade inclusiva e diversa, com novas formas de ver, entender e representar a realidade.

Ao longo da nossa jornada, essas palavras nos conduziram à compreensão do que poderia ser esse novo imaginário para a mulher negra. Contudo, pensar no futuro também implica olhar para os que vieram antes de nós e buscar suas referências para criar o novo.

Perguntei a Val como ela acredita que podemos contribuir para esse novo imaginário, além da representação. Falei sobre o 'chão de fábrica', o fazer fabril, e ela ressaltou, de forma enfática, a importância do trabalho coletivo na criação, com uma equipe diversa.

SONORA VAL BENVINDO

A evolução da representação da mulher negra nos videoclipes, usando como exemplo a videografia de Beyoncé pode ser observada de forma marcante em **Crazy In Love** (2003), **Run the World (Girls)** (2011), **Formation** (2016) e **My Power** (2019). Cada um desses clipes reflete uma mudança significativa na narrativa e na estética

que Beyoncé construiu ao longo de sua carreira, alinhada a um processo contínuo de empoderamento e reafirmação de sua identidade.

SONORA VAL BENVINDO

E foi isso que Beyoncé fez, contribuindo para a formação de pessoas negras, fornecendo bolsas de estudos através do seu instituto Beygood. A contora norte americana se cercou de profissionais negros e essa mudança de chaa foir parte fundamental para a mudança de narrativa e na diminuição da reprodução de estereótipos para a mulher negra.

Analizando sua videografia, percebi que os clipes foram evoluindo, conforme a própria artista passou a se preocupar em como produzi-los fazendo questão de ter uma equipe mais diversa e como Val benvindo ressaltou que respeite a subjetividade negra.

Em *Crazy In Love*, Beyoncé surge como uma figura sensual, carismática e poderosa, mas ainda imersa em uma narrativa que reflete os padrões de beleza da indústria musical da época. A mulher negra é representada de forma hipersexualizada, com foco em sua figura corporal e sedução, porém, o protagonismo já é evidente. Neste clipe, Beyoncé adota a imagem de uma estrela pop global, mas a questão racial está mais diluída, priorizando a aceitação dentro de um mercado predominantemente branco.

Em *Run The World*, Beyoncé começa a ampliar sua narrativa, representando a força feminina e a liderança. O clipe apresenta uma estética de guerra e resistência, com coreografias enérgicas e visuais que misturam elementos africanos e militares. Embora a questão racial ainda não seja central, há uma valorização sutil da cultura africana, com Beyoncé assumindo o papel de uma líder que une e empodera mulheres. O clipe indica um avanço na representação, mostrando a mulher negra como forte, resiliente e no comando.

Com *Formation*, Beyoncé dá um salto significativo, colocando a questão racial e a experiência da mulher negra no centro da narrativa. O clipe é um marco na história da música e dos videoclipes, com referências explícitas à cultura afro-americana e ao racismo estrutural. Beyoncé celebra suas raízes sulistas e a estética negra, enquanto

denuncia problemas sociais, como a brutalidade policial contra negros. A mulher negra, aqui, é retratada como dona de sua história, beleza e resistência. É uma declaração política e cultural poderosa, que redefine o papel de Beyoncé como uma artista comprometida com questões de raça e identidade.

Em *My Power*, parte da trilha sonora do filme *O Rei Leão: O Presente*, Beyoncé atinge o ápice da celebração da negritude e da ancestralidade africana. O clipe exalta a diversidade de tons de pele, cabelos e culturas negras, com visuais que remetem diretamente à estética africana tradicional e futurista. Aqui, a mulher negra é retratada como uma figura divina, criadora e inquebrável, conectada à sua ancestralidade e com controle total de sua narrativa. A estética afrofuturista reforça a ideia de que o futuro é negro e poderoso, ressignificando o lugar da mulher negra no imaginário global.

As imagens produzidas por Beyoncé ao longo de sua carreira, colocam a mulher negra em lugares diversos, tratando de temas múltiplos, para além da história única da hiperssexualização e violência, como aponta Val Benvindo.

SONORA VAL BENVINDO

A evolução da representação da mulher negra nos videoclipes de IZA pode ser observada nos vídeos de "**Pesadão**" (2017), "**Fé**" (2020) e "**Dona de Mim**" (2018), refletindo uma transformação tanto estética quanto conceitual, com ênfase no empoderamento feminino e na celebração da identidade negra.

No clipe de "Pesadão", IZA aparece em um cenário dramático, com uma paleta de cores escuras e uma composição visual que reflete um certo peso emocional. A mulher negra é apresentada de forma forte, mas também vulnerável, como alguém que carrega desafios e lutas. A música, com um tom de luta e resistência, é complementada pela presença de IZA como uma figura que transcende as dificuldades.

"Dona de Mim" é um clipe que mistura força e vulnerabilidade, com IZA se apresentando como uma mulher confiante, mas também tocada por momentos de reflexão. A estética é mais vibrante, com uma representação visual que enfatiza a sensualidade, o empoderamento e a beleza da mulher negra. A letra reforça o tema

de autossuficiência e poder pessoal, com IZA declarando sua autonomia e controle sobre sua vida e escolhas.

Em "Fé", IZA mergulha em um estilo mais minimalista, focando na simplicidade e na conexão com a espiritualidade. A representação da mulher negra no clipe é associada à ideia de força interna e confiança, como se a fé fosse a base de sua resistência. O cenário é mais clean e moderno, sem exageros, refletindo uma mulher negra centrada em sua espiritualidade e autoconhecimento.

Nos três videoclipes, IZA aborda temas como empoderamento, autoconhecimento e resistência, mas com diferentes nuances, exemplificando a diversidade da mulher negra.

SONORA VAL BENVINDO

Sobre celebrar essa evolução, mas também olhar para quem veio antes, Val faz questão de falar sobre as artistas que há muitos anos seguem fazendo trabalhos incríveis e inspirando mulheres: Luedji Luna, Larissa Luz, Xênia França são nomes que sempre estiveram contribuído para a criação desse novo imaginário, com uma representação potente do que é ser mulher negra.

SONORA VAL BENVINDO

Na Bahia, referência e ancestralidade são como régua e compasso. Dentro das manifestações culturais do nosso estado, a mulher negra sempre encontrou um espaço de celebração. Ao nos aproximarmos do final da nossa conversa, não pude deixar de conversar com Val sobre a importância do Ilê Aiyê em sua trajetória. Afinal, o primeiro bloco afro do mundo foi criado por sua família, e o movimento tem uma contribuição fundamental na celebração da beleza negra e na valorização da diversidade cultural do povo negro.

SONORA VAL BENVINDO

Sobre O futuro da representação Val Benvindo concluiu: Que a gente não precise pensar, nem reivindicar um lugar que é nosso. É da comunidade negra. De Beyoncé, a Iza, ao Ilê Ayê, as cantoras dos blocos astros e a todas as mulheres que se levantam contra o racismo, o sexism, a misoginia, que elas sejam eternamente

lembadas e reverências. O novo imaginário da mulher negra bate à porta e o futuro é o agora porque quando uma mulher negra se movimenta toda uma sociedade se movimenta junto.

O simbolismo do Ilê Aiyê, da "Noite da Beleza Negra" e dos videoclipes de cantoras negras têm em comum a celebração da identidade e da beleza afro, empoderando mulheres negras ao resgatar e exaltar suas culturas e estéticas. Esses espaços e produções desafiam estereótipos, reafirmando o protagonismo da mulher negra na sociedade e no imaginário coletivo, ao celebrar sua força, sensualidade e singularidade.

Aqui fica o meu agradecimento a professora Ohana Boy, as queridas Lunna Monty, Elaine e Gabriela e Val Benvindo pela participação no podcast.

Esse foi o podcast Tela Preta!

Tchau e Até mais!

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho explorou como os videoclipes de música pop desempenham um papel crucial na construção de um novo imaginário para as mulheres negras, funcionando como instrumentos de empoderamento e ressignificação cultural. Ao analisar produções de artistas como Beyoncé, Rihanna, Iza e Ludmilla, foi possível identificar como essas obras transcendem o entretenimento e se tornam espaços de resistência contra estereótipos raciais e de gênero, ao mesmo tempo em que celebram a diversidade.

Os videoclipes analisados, repletos de simbolismos, cores vibrantes e narrativas potentes, demonstram a influência das teorias de bell hooks e Stuart Hall na compreensão da representatividade negra. Em particular, *Olhares Negros: Raça e Representação*, de bell hooks, foi essencial para refletir sobre como a produção de imagens pode romper com narrativas opressoras e reposicionar a mulher negra como protagonista em uma sociedade historicamente desigual.

A elaboração do podcast *Tela Preta: O Novo Imaginário da Mulher Negra nos Videoclipes de Música Pop* permitiu traduzir essas reflexões para uma linguagem acessível e impactante. O processo incluiu entrevistas com especialistas, gravações com equipamentos da Faculdade de Comunicação e edição no Audacity, resultando em um produto dinâmico e informativo. A incorporação de áudios, efeitos sonoros e narrativas acadêmicas contribuiu para ampliar o alcance da discussão sobre a representatividade negra.

Os videoclipes estudados revelaram-se espaços de tensão entre as dinâmicas da indústria cultural e as possibilidades de resistência. Obras como *Formation* e *Rainha da Favela* exemplificam como essas produções desafiam estigmas e celebram a negritude em suas múltiplas dimensões. Essas narrativas promovem não apenas a desconstrução de padrões coloniais, mas também a formulação de um novo imaginário onde a mulher negra ocupa um lugar central.

Além disso, o estudo destacou como essas representações audiovisuais influenciam não apenas o imaginário coletivo, mas também as práticas sociais e culturais, criando espaços para futuras gerações se inspirarem. A pluralidade

celebrada nesses videoclipes oferece um horizonte de possibilidades para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Em síntese, este trabalho reafirma o poder dos videoclipes como ferramentas de transformação social, além de plataformas para a reafirmação identitária e cultural. Ao desconstruir estereótipos e celebrar a diversidade, essas produções contribuem para reposicionar a mulher negra como protagonista de sua própria história, ampliando as possibilidades de expressão e mudança em uma sociedade em constante evolução.

REFERÊNCIAS

HOLZBACK, M. A evolução do videoclipe e seu impacto no mercado musical. São Paulo: Editora Música & Cultura, 2016.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003. 102 p.

HOODS, bell. Olhares Negros: Raça e Representação. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.

SODRÉ, Muniz. A Mídia e a Construção do Imaginário Social. Rio de Janeiro: Editora ABC, 1999.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antonio Machado da (Org.). Movimentos sociais, urbanização e cultura popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 223-244.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução de Maria Helena Kühner. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CARDOSO, Barbara; NEGRÃO, Matheus. No Brasil, 23% das pessoas negras se sentem representadas como criminosas em filmes e séries, mostra pesquisa. **CNN BRASIL**, São Paulo, 22 de jul. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/no-brasil-23-das-pessoas-negras-se-sentem-representadas-como-criminosas-em-filmes-e-series-mostra-pesquisa/?hidemenu=true>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PRESSÃO social para alisar o cabelo afeta 70% das crespos e cacheadas brasileiras. **MARIE CLAIRE**, São Paulo, 24 de mai. 2024. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/beleza/noticia/2024/05/pressao-social-para-alisar-o-cabelo-afeta-70percent-das-crespos-e-cacheadas-brasileiras.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2025.

RODRIGUES, Paula. Como Beyoncé se tornou fundamental para o debate sobre identidade negra. **UOL**, São Paulo, 05 de ago. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eco/ultimas-noticias/2020/08/05/como-beyonce-se-tornou-fundamental-para-o-debate-sobre-identidade-negra.htm>. Acesso em: 15 jan. 2025.

LIMA, Lívia. Beyoncé me ensina que mulheres negras podem se sentir amadas, diz colunista. **ESTADÃO**, São Paulo, 22 de ago. 2022. Disponível em: <https://expresso.estadao.com.br/naperifa/beyonce-me-ensina-que-mulheres-negras-podem-se-sentir-amadas-diz-colunista/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Todos nós deveríamos ser feministas*. TEDxEuston. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hq3umXU_qWc. Acesso em: 15 jan. 2025.

VIDAS NEGRAS IMPORTAM. *Imagens históricas da mulher negra*. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6kLk08F1xJlokqERsTWr1>. Acesso em: 15 jan. 2025.

VIDAS NEGRAS IMPORTAM. *Uma Estética Negra*. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6buZCPRR8T4JHNEA7B8Ad9>. Acesso em: 15 jan. 2025.

A referência desse vídeo do YouTube conforme as normas da ABNT seria a seguinte:

FOQUINHA. *Representatividade negra em clipes: Lizzo, Rihanna, Elza, Iza, Emicida (ft. Samuel Gomes)*. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6ViWHQ_3cGU. Acesso em: 15 jan. 2025.

CANTORAS negras se destacam em nova leva de videoclipes femininos. *El Cabong*, 2021. Disponível em: <https://elcabong.com.br/cantoras-negras-se-destacam-em-nova-leva-de-videoclipes-femininos/>. Acesso em: 15 jan. 2025.